

**A PROGRESSÃO REFERENCIAL
EM “A RAPOSA E AS UVAS”
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS
NA FÁBULA DE MONTEIRO LOBATO**

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes (UFF)

rachel_maria_moraes@yahoo.com.br

Vanda Cardozo de Menezes (UFF)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, vinculado ao projeto de pesquisa “Léxico sob a ótica da referenciação: nomeação, nominalização e anáfora”, faz-se a análise da progressão referencial na fábula “A Raposa e as Uvas” (Lobato, 1922). Com base na teoria da Referenciação, desenvolvida sob a ótica discursiva e cognitiva da Linguística Textual (Koch, 2002; Mondada & Dubois, 2003), observam-se as diversas estratégias (uso de anáforas e de anáforas indiretas, de repetição de um mesmo item lexical e de expressões definidas, encapsulamento, entre outras), que, na progressão do texto, fazem remissão a elementos anteriormente ativados, de modo que os referentes vão sendo construídos e reconstruídos não como objetos da realidade, mas como objetos de discurso.

Observar-se-á, também, como esse processo de referenciação se dá no texto de Monteiro Lobato, considerando-o como representativo do gênero textual fábula, segundo os atuais estudos desenvolvidos sobre gêneros e tipos de texto (Marcuschi, 2002).

**BREVES CONSIDERAÇÕES
A RESPEITO DO GÊNERO FÁBULA**

A fábula é um gênero literário muito antigo, encontrado praticamente em todos os períodos da história e em várias culturas. Seu caráter universal se deve, principalmente, ao fato de a fábula ter grande ligação com a sabedoria popular.

Da tradição das fábulas, vem-nos a necessidade de querer buscar uma explicação ou causa para o que acontece em nossas vidas

ou nas de outras pessoas, ou tentar tirar delas algum ensinamento útil ou lição prática.

A moral de algumas fábulas se tornou inclusive provérbios nas línguas do ocidente. Segundo Marcos Bagno, em “Fábulas Fabulosas”, “[...] a fábula é uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral.” (Bagno, 2005)

A maioria das fábulas tem como personagens animais ou criaturas imaginárias (criaturas fabulosas) que representam os traços de caráter (positivos e negativos) dos seres humanos.

Maingueneau (2001, p. 73) afirma que o universo das fábulas é tecido de “transições” de todos os tipos: entre o animal e o humano, o humano e a natureza, o familiar e o nobre, o fútil e o sério, mas igualmente o antigo e o moderno.

Segundo Bagno (2005), a palavra latina fábula deriva do verbo “fabulare”, “conversar, narrar”. Isso mostra que a fábula teve sua origem na tradição oral. Da palavra latina fábula derivam o substantivo português “fala” e o verbo “falar”.

Monteiro Lobato reconta as fábulas de Fedro em uma linguagem mais infantil, o que as coloca, mais facilmente, ao alcance de compreensão das crianças.

Segundo Bagno,

Além do texto da fábula propriamente dita, Monteiro Lobato insere, depois de cada uma das narrativas, as animadas discussões que a fábula provoca no círculo de personagens que povoam o Sítio do Pica-pau Amarelo. Dona Benta, que narra as fábulas, representa a voz da tradição. A opinião ponderada e refletida das pessoas já vividas. Tia Nastácia, representante da sabedoria popular, também se mostra bastante inclinada a aceitar a moral das fábulas. Pedrinho e Narizinho fazem comentários de acordo com seu espírito irrequieto de crianças curiosas e dispostas a aprender, enquanto a irreverente Emília tenta, a cada momento, contestar a lição de moral que a fábula encerra. (Bagno, 2005)

Como dito acima, a fábula é um gênero (textual e literário), pois tem forma definida o que a diferencia de outros gêneros e aparece na literatura de um povo.

Segundo Marcuschi (2002, p. 19),

[Gêneros textuais] são entidades sociodiscursivas, cultural e social. [...] os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.

PROGRESSÃO REFERENCIAL

A progressão referencial, segundo Koch e Marcuschi (1998), se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento. Esta relação se estabelece no discurso. Assim, os referentes não são tomados como entidades estáveis, mas como objetos de discurso.

Segundo Koch (2002, p. 80-81),

Os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, re-categorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, [deste modo], o sentido, no curso da progressão textual[.]

Ainda segundo a autora, O objeto de discurso se caracteriza pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como pelo fato de articular-se em partes suscetíveis de se autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente.

O léxico não é, por isso, auto-suficiente. Quando um item lexicai aparece mais de uma vez em um texto, não tem o mesmo significado, não sendo, por isso, cossignificativo.

Todos os casos de progressão referencial baseiam-se em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não. A determinação referencial se dá como um processamento da referência na relação com os demais elementos do co-texto ou do contexto, geralmente num intervalo interfrástico, mas não necessariamente como retomada referencial (correferenciação).

Segundo Ingedore Koch & Vanda Elias (2006, p. 125-126), na construção dos referentes textuais estão envolvidas estratégias de

referenciação. São exemplos de tais estratégias a introdução (ou construção), a retomada (ou manutenção) e a desfocalização:

a) Introdução: Um “objeto” até então não mencionado é introduzido no texto, de modo que a expressão linguística que o representa, é posta em foco, ficando este “objeto” saliente no modelo textual. (*idem*, p. 125)

b) Retomada (Manutenção): Um “objeto” já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permaneça em foco. (*idem*, p. 126)

c) Desfocalização: Quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (stand by), ou seja, continua disponível para utilização imediata sempre que necessário. (*idem*, p. 126)

Pela repetição cíclica destas estratégias, se estabiliza, por um lado, o modelo textual; por outro lado, porém, este modelo é continuamente elaborado e modificado por meio de novas referenciações. (Schwarz, 2001 *apud* Koch, 83) ““Endereços” ou locações cognitivas já existentes podem ser constantemente modificados ou expandidos[.] [...]” (Schwarz, 2001 *apud* Koch, 84)

Uma estratégia de progressão referencial muito utilizada é a anáfora. Marcuschi (2005), em “A Anáfora indireta: O Barco textual e suas âncoras”, esclarece-nos a respeito do termo anáfora:

Originalmente, o termo “anáfora”, na retórica clássica, indicava a repetição de uma expressão ou de um sintagma no início de uma frase. Hoje, na acepção técnica, anáfora anda longe da noção original e o termo é usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial. (Marcuschi, 2005, p. 54-55)

Como estratégia de progressão referencial, há também a utilização de anáforas indiretas.

Segundo Marcuschi (*op. cit.* p. 53) “[...] [a anáfora indireta] é geralmente constituída por expressões nominais indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto.”

Pode-se notar que, na anáfora direta há referência a um termo do texto. Na anáfora indireta, entretanto, faz-se referência a um ter-

mo do texto por meio de uma âncora e não por meio do termo propriamente dito; por isso se diz que a anáfora é indireta.

A RAPOSA E AS UVAS

Monteiro Lobato

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão altos que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho.

– Estão verdes – murmurou. - Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisto deu o vento e uma folha caiu.

A raposa ouvindo o barulhinho voltou depressa e pôs-se a farejar.

Moral: Quem desdenha quer comprar.

ANÁLISE

No título do texto “A Raposa e as Uvas” ocorre a ativação de dois referentes muito importantes para a progressão da fábula: “raposa” e “uvas”.

No primeiro parágrafo, o substantivo “raposa” é recategorizado pela expressão nominal “certa raposa esfaimada”, por meio da ativação do item lexical “raposa” do título do texto, da ativação do determinante indefinido “certa” e da operação de atribuição feita pelo adjetivo “esfaimada”.

O pronome indefinido “certa” também é responsável pela narratividade na fábula, pois “certa” dá idéia de “uma” raposa, possibilitando a narratividade do texto. Vale lembrar que a fábula é, portanto, um tipo de texto narrativo. Toda a expressão “certa raposa esfaimada” é responsável, portanto, pela progressão referencial no texto.

Em “cachos maduros” ocorre anáfora indireta, pois se trata de cachos de uvas maduras. O substantivo “uvas” assim é uma âncora,

que faz com que o leitor compreenda, pelo contexto, que se trata de cachos de uva e não de cachos de quaisquer outras frutas.

A anáfora indireta também possibilita a progressão referencial.

O adjetivo “verdes”, na fala da raposa (- Uvas verdes, só para cachorro.) recategoriza as uvas. A recategorização é uma estratégia própria da progressão referencial.

A “raposa” do primeiro parágrafo também é recategorizada pela expressão nominal “matreiro bicho”. Esta expressão é correferencial, pois “matreiro bicho” se refere à raposa, mas não é cossignificativa, já que “raposa” e “matreiro bicho” não possuem o mesmo significado.

Nesta passagem, há outro exemplo de anáfora, uma das estratégias mais utilizadas na progressão referencial.

Além disso, a raposa é, na mesma frase, também categorizada pela expressão verbal “torceu o focinho”. Esta expressão que é, na verdade, o predicado da oração (predicado verbal), também possibilita a progressão referencial no texto.

O substantivo bicho nesta mesma expressão é um hiperônimo, pois se trata de um substantivo genérico do qual “raposa” é um exemplo específico. Um determinado tipo de bicho, com características próprias que outras espécies de bichos não possuem.

A nível semântico, talvez possa ser feita uma analogia com o ato dos seres humanos de “torcer o nariz”, para demonstrar, por meio da referência e da expressão facial, desdém por alguma coisa.

Isso colabora para a progressão referencial e para que o leitor crie uma “imagem mental” da raposa, possível através do discurso.

Vale ressaltar o que foi dito acima sobre “objetos de discurso”, mostrando que os elementos da fábula não fazem parte da realidade, ou, para existirem discursivamente, não precisam fazer parte da realidade.

Nota-se, nesta passagem, do ponto de vista da referenciação, a estratégia de personificação, já que é atribuída à raposa (um animal)

a ação de “torcer o focinho”, uma ação própria da expressão de desdém dos seres humanos, quando torcem o nariz.

No trecho “E nisto deu o vento e uma folha caiu”, também ocorre anáfora indireta, pois subentende-se que uma folha da parreira caiu, embora o substantivo parreira não apareça nesta passagem do texto. Pode-se dizer, ainda, que neste trecho há uma relação de meronímia (relação parte/todo expressa pela relação folha/planta, pois, neste sentido, uma folha é parte de uma planta). Pode-se considerar a meronímia como um tipo de anáfora indireta. No trecho em estudo, a palavra “folha” atua como uma âncora, pois retoma a idéia de planta, parreira e uvas.

A contração “nisto” que, neste caso, possui valor adverbial de tempo (nisto seria o mesmo que “neste momento”) faz referência à toda a situação anteriormente descrita no texto. Há, portanto, através da contração “nisto” um exemplo de encapsulamento. O encapsulamento, por retomar uma idéia anteriormente explícita, é uma estratégia de progressão referencial. Assim, através desta estratégia, evita-se a repetição exaustiva de termos e idéias no texto.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, vinculado ao projeto de pesquisa “O Léxico sob a ótica da Referenciação: Nomeação, Nominalização e anáfora”, fez-se a análise da progressão referencial da versão de Monteiro Lobato da fábula “A raposa e as Uvas” (Lobato, 1922).

Com base na teoria da referenciação, desenvolvida sob a ótica discursiva e cognitiva da lingüística textual (Koch, 2002; Mondada & Dubois, 2003) foram observadas as diversas estratégias (uso de anáforas e de anáforas indiretas, de repetição de um mesmo item lexical e de expressões definidas, encapsulamento, entre outras), que, na progressão do texto, fazem remissão a elementos anteriormente ativados, de modo que os referentes vão sendo construídos e reconstruídos não como objetos da realidade, mas como objetos de discurso.

Observou-se como ocorreu o processo de referenciação no texto de Monteiro Lobato, considerando-o representativo do gênero

textual fábula, segundo os atuais estudos desenvolvidos sobre gêneros e tipos de texto (Marcuschi, 2002). Fez-se, também, a análise considerando a fábula como um discurso e como um texto coerente e coeso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. Fábulas Fabulosas, 2005. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/vdt/vdttxt3.htm> consulta em 12/03/2009.

KOCH, Ingedore Vilaça & ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore & Marcuschi, Luís Antônio. A progressão referencial na produção discursiva. *DELTA*, 14, São Paulo, 1998.

KOCH, Ingedore G. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1922.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. 2ª ed. Trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. **In:** —. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais e ensino. **In:** MACHADO, Ângela Paiva *et alii*. (org). 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.resumo

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos do discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. **In:** CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (org). *Referenciação clássicos da lingüística*. São Paulo: Contexto, 2003, vol. 1, p. 17-52.